

POLITICAS DE MICROCRÉDITO: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA GESTÃO DO CONHECIMENTO

Paulo César Peres Pontara

Mestre em Administração de Empresas

pcperes@hotmail.com

Graduado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUCAMP. MBA em Gestão Hoteleira pela Faculdades de Campinas-FACAMP. Mestre em Administração de Empresas pela Faculdade de Campo Limpo Paulista-FACCAMP. Atua como consultor empresarial na Assertive Consultoria e como docente, leciona nos níveis de tecnologia, de graduação e pós graduação, com ênfase ao curso de administração de empresas e áreas afins (marketing, recursos humanos, logística, hotelaria, planejamento estratégico). É docente da Universidade Paulista (UNIP) na cidade de Campinas e da Faculdade de Paulínia (FACP). Atua como membro examinador da Fundação Nacional da Qualidade (FNQ) e atua no Prêmio Nacional da Qualidade em Saneamento (PNQS) desde 2009.

Antonio Monteiro Guimarães

Mestre em Administração de Empresas

amonquima@gmail.com

Possui graduação em Comércio Exterior pela Universidade Metodista de São Paulo (1979); pós graduação em Gestão de Negócios pela Universidade Paulista e Mestrado Profissional pela Universidade Metodista de Piracicaba. Atualmente é professor de administração, logística e comércio exterior da Faculdade de Paulínia-FACP, professor de logística, comércio exterior, supply-chain management, gestão de negócios da Universidade Paulista-UNIP e professor de logística, marketing, empreendedorismo, responsabilidade social e governança corporativa da Metrocamp. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Logística e Comércio Exterior, atuando principalmente nos seguintes temas: logística, administração, internacionalização de empresas, desenvolvimento de fontes de fornecimento e inspeção de processos logísticos no mercado internacional e pme's.

Gilson Fernandes Lopes

Mestre em Administração de Empresas

gil.lopes@uol.com.br

Professor Adjunto da Universidade Paulista nos cursos de graduação em Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e nos Cursos Superiores de Tecnologia nas áreas de Logística, Comércio Exterior, Recursos Humanos, Processos Gerenciais e Finanças. Professor Coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Financeira da Faculdade de Paulínia. Exerceu cargo comissionado no Banco do Brasil S/A com experiência nas áreas de Contabilidade, Mercado Financeiro, Controles Internos, Análise de Projetos de Investimentos, Crédito e Risco. Bacharel em Administração de Empresas com ênfase em análise de sistemas pela Universidade Paulista - UNIP (2001). Especialista em Gestão e Estratégia de Empresas pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2004). Pós-graduado em Negócios Financeiros (MBA) pela Fundação Getúlio Vargas - FGV (2006). Mestre em Administração de Empresas pela Faccamp (2012).

RESUMO

A concessão do crédito possui importância fundamental para a o cenário macroeconômico. Muhammad Yunus (Nobel da Paz 2006) idealizou na década de 70 o conceito do microcrédito como uma forma de redução da pobreza, bem como, de criar novas oportunidades empreendedoras a famílias de baixa renda. O objetivo geral do trabalho foi analisar a influência da Gestão do Conhecimento na construção de modelos adaptáveis de microcrédito. A metodologia utilizada foi qualitativa e consistiu na revisão bibliográfica sobre a criação do conhecimento nas organizações. Utilizou-se conceitos sobre microcrédito com abordagem dos aspectos sociais e conjunturais; o empreendedorismo social e a teoria da criação do conhecimento organizacional, baseado nos conhecimentos tácito e o explícito e dos seus quatro modos de conversão: socialização, externalização, combinação e internalização. As fontes utilizadas contribuíram para demonstrar uma possível relação da teoria da criação do conhecimento organizacional como uma ferramenta a ser utilizada na construção de programas de microcrédito. Os resultados sugerem oportunidades de questionamentos sobre empreendedorismo social, a sustentabilidade econômica e social e da importância da Gestão do Conhecimento para o desenvolvimento e criação de programas de microcrédito.

Palavras-chave: Gestão do Conhecimento; Espiral do Conhecimento; Microcrédito

1) INTRODUÇÃO

Uma parte considerável da sociedade brasileira está situada na base da pirâmide social devido à escassez de recursos e de oportunidades de trabalho. Esta mesma sociedade encontrou na economia informal uma possibilidade de prover o seu sustento, ao mesmo que demanda por um sistema fomentador de geração de crédito para empreender em modelos de negócios sustentáveis. O modelo do assistencialismo vai contra a natureza do ser humano, pois este necessita, muitas vezes, de estímulo na busca dos meios de prover sua sobrevivência, de empreender e realizar sonhos e projetos.

Observa-se nos últimos anos, que o governo brasileiro tem trabalhado de forma ostensiva e audaciosa na criação de programas de inclusão social e, indubitavelmente, o microcrédito revelou-se uma poderosa fonte aliada desta natureza. Sendo assim, uma

análise do microcrédito segundo a Gestão do Conhecimento pode propiciar possibilidades de desenvolvimento de novos programas de inclusão social e de geração de renda. O Brasil possui uma quantidade considerável de programas de inclusão e de auxílio social cuja maioria dos resultados não foram satisfatórios, ora por não atingirem os objetivos propostos e ou pela própria vulnerabilidade da gestão dos órgãos competentes.

Kraychete (2004) ressalta a existência de um enigma a ser desvendado num mercado com potencial número de pessoas pobres e sem acesso ao crédito. Decorrido mais de uma década de práticas de microcrédito, ainda não se tinha evidências de esforços no sentido de proceder a uma avaliação que cotejasse os interesses das instituições ofertantes e os demandantes do crédito direcionados a pequenos empreendimentos auto-sustentáveis. Ao mesmo tempo, percebe-se a permanência de critérios conservadores de concessão de crédito baseados somente na capacidade de pagamento e ou de garantias reais e elegíveis. As comunidades mais carentes de Bangladesh, sob orientação do economista indiano Muhammad Yunus (2008), conseguiram desenvolver uma diversidade de modelos geradores de renda, ao contrário do governo brasileiro que ainda caminha por processos não adequados à sua realidade.

Existe uma necessidade de produzir mais conhecimentos de como consolida-se a prática do microcrédito e da sua adaptabilidade no território nacional e não mais reproduzir modelos que, não necessariamente, sejam os mais coerentes e corretos com a realidade brasileira. Este tipo de fomento financeiro-social, praticado em Bangladesh, possui como particularidade a simplicidade e a cumplicidade com os seus credores. Segue princípios de que as camadas mais pobres, de uma forma surpreendente e por questões de conduta, consideram que os empréstimos devem ser pagos e que sua inadimplência compromete outras pessoas, cultivando assim ações em grupo e propiciando subsídios para si em outros momentos e seu papel para o sucesso de todos.

O sistema de financiamento do Brasil sempre possuiu uma dinâmica de não investir em pequenos empréstimos pelo fato dos tomadores de crédito não possuírem garantias. Entretanto Pralahad e Stuart (2002), destacam o fato de que os bancos no Brasil já perceberam o retorno positivo de gerar lucros por este sistema de microcrédito, inclusive com possibilidade de taxas de retorno superiores aos programas convencionas

de financiamentos. O Microempreendedor Individual (MEI), tornou-se uma realidade e caminho sem volta.

Pode-se observar a necessidade de se formatar subsídios que levem a contextualização destes conteúdos pelo fato de que o modelo de aprendizado individual compromete o desenvolvimento das estratégias de microcrédito que devem ser ajustadas com a realidade na qual estará inserida. Estas contextualizações são corroboradas por Silva (2007) que faz considerações de que a escolha de modelos pode ser influenciada por fatores ideológicos, de afinidade política, pela comparação da eficiência de cada programa, pelos incentivos políticos, financeiros e pela capacidade financeira e técnica dos municípios.

Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho será analisar a influência da Gestão do Conhecimento na criação de modelos adaptáveis do microcrédito, sob a perspectiva do modelo desenvolvido em Bangladesh. A metodologia está baseada em pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica de artigos científicos e obras dos autores referências na gestão do conhecimento, no empreendedorismo social e do microcrédito.

2) DESENVOLVIMENTO

Revisão da literatura

A revisão da literatura inicia sua busca nas origens do microcrédito contemporâneo, que retrata como cenário a pobreza e a onda de fome que tomou conta do antigo Paquistão Oriental (atual Bangladesh) no início da década de 70, conseqüência de uma série de desastres naturais, das seqüelas inevitáveis da Guerra da Libertação e a forma desorganizada da gestão do governo sob vários aspectos. Surgiam assim as primeiras iniciativas de auxílio, como programas de melhoria da produtividade agrícola em determinadas localidades ou aldeias. Porém, estas iniciativas não foram suficientes para a solução do problema, pois foi identificado posteriormente que a falta de recursos financeiros provinha da relação dos povoados com os agiotas locais, que fomentavam as atividades de subsistência, condicionando os empréstimos à exclusividade na compra da produção (Yunus, 2008).

O objetivo inicial do microcrédito, segundo Yunus (2008), era proteger as pessoas pobres dos agiotas locais, proporcionando uma ferramenta de ajuda sustentável, baseada no crédito como fator de geração de trabalho autônomo e de renda, com o diferencial da não obrigatoriedade de fornecer garantias para amparar o capital emprestado.

O microcrédito possui três variáveis essenciais: é dirigido para os pobres; o valor dos empréstimos é pequeno e; inexistente a necessidade de garantias e cuja definição é a liberação de empréstimos às parcelas mais pobres da população, e segundo o autor, traz melhores resultados do que a ajuda convencional, sem grandes riscos para o financiador, mudando o conceito de ajuda econômica (Yunus 2000).

Segundo Barone, Lima, Dantas & Rezende (2002) microcrédito significa a concessão de crédito de baixo valor a pequenos empreendedores informais e microempresas, ou seja, é uma forma de financiamento, destinado a pessoas que normalmente não conseguiriam empréstimos junto a instituições financeiras tradicionais. Zouain e Barone (2007) afirmam que este tema está tomando relevância, pois a pobreza reflete e sintetiza a face mais crítica dos vários problemas nacionais, entre eles o crescimento da informalização do mercado de trabalho, sustentado pelas diferenças entre as pessoas e as desigualdades regionais. Este aspecto pode ser minimizado com o acesso ao crédito que propicia de inclusão social de duas formas: orientado para o consumo e/ou destinado à produção.

As principais características dos programas bem-sucedidos de microcrédito de acordo com Néri e Barboza (2006) são: a criação de grupos de pessoas que juntas tomam empréstimos e se responsabilizam pelo pagamento das parcelas; em um sistema pouco dependente de agências físicas, mas com empréstimos de baixos valores e progressivos de acordo com a adimplência do cliente; e, finalmente, empréstimos não-subsidiados ou, alternativamente, uma certa pré disposição para perdoá-los.

Yunus (2008) afirma que as melhorias e mudanças nos aspectos sócios econômicos de Bangladesh decorrentes ao microcrédito foram: Redução da taxa da

pobreza; Rápido crescimento econômico; Estabilização na desigualdade social; Queda no crescimento populacional; Melhorias na assistência médica; aumento da expectativa de vida; Melhoria nas oportunidades de educação para as crianças; Aumento das taxas de alfabetização; Melhoria na qualidade de moradia e acesso de serviços de saneamento básico; Melhoria nos serviços de telecomunicações; Melhoria na Capacidade de resistência a choques provocados por desastres naturais e; Aumento do índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Diretrizes do Banco Grameen: modelo de microcrédito

Segundo Yunus (2008), para que ocorra a validação de um programa bem sucedido de microcrédito, é definido um conjunto de 10 metas estratégicas a serem cumpridas por seus clientes (tomadores de crédito), sendo estas: O membro do Banco Grameen e sua família vivem em uma casa com telhado de zinco ou uma casa que valha pelo menos 25 mil tacas (o equivalente a aproximadamente 370 dólares). Os familiares dormem em catres ou estrados de cama, em vez de dormirem no chão; O membro Grameen e sua família bebem água potável encanada, água fervida ou água sem arsênico, purificada pelo uso de alume, tabletes de purificação ou filtros; Todos os filhos do membro Grameen que sejam física e mentalmente saudáveis e acima dos seis anos de idade, freqüentam ou já terminaram o ensino básico; A prestação semanal mínima de liquidação do empréstimo com o Banco Grameen é de 200 tacas (cerca de três dólares); Todos os membros da família usam uma latrina higiênica; Todos os membros da família têm roupas suficientes para satisfazer suas necessidades diárias, inclusive roupas de inverno, mantas e mosquiteiros; A família tem fontes adicionais de renda, como o cultivo de um pomar ou de uma horta, às quais podem recorrer em épocas de necessidade; O membro Grameen mantém um saldo médio anual de cinco mil tacas (cerca de 75 dólares) na poupança; O membro Grameen consegue oferecer à sua família três refeições substanciais por dia durante o ano todo e; Todos os membros da família cuidam da saúde, tomam medidas imediatas em busca de tratamentos adequados e podem arcar com despesas médicas, em caso de doença.

O microcrédito pelo mundo, conforme Yunus (2008), apresenta muitos programas espelhados nas operações do Banco Grameen (Ásia, América Latina, Oriente Médio e Estados Unidos). Em 2006, em Halifax no Canadá, ocorreu a 3ª Cúpula Mundial de Microcrédito e nesta, foi divulgado o alcance da meta de 100 milhões de famílias atendidas pelo programa, ou seja, 10 anos após o primeiro encontro, provou-se a rápida disseminação do programa. No Fechamento deste encontro, foi estabelecido o compromisso para que em 2015, 175 milhões de famílias sejam beneficiadas.

O papel social do microcrédito

Para a definição de empreendimentos sociais, os principais referenciais teóricos utilizados são de Dees (1994) e Austin e Wei-Skillern (2002) apud Tyszler (2007). Segundo o autor Dees (1994) um empreendimento social diferencia-se dos demais por meio de duas dimensões centrais. A primeira dimensão é o objetivo social ou "o objetivo primário de um empreendimento social que é manter ou melhorar as condições sociais de um modo que vá além dos benefícios financeiros criados para financiadores, gestores, empregados ou consumidores de uma organização". Como segunda dimensão, o método social ou "para atingir seus objetivos primários, o empreendimento social se apóia na boa vontade (motivações comunais, altruístas, afiliativas ou não-pecuniárias) de, pelo menos, alguns de seus *stakeholders* chave".

O empreendedorismo social é um conceito complexo e sua definição e domínio conceitual permanece evasivo em virtude do fenômeno ter sido estudado a partir de uma variedade de perspectivas como: econômica, sociológica e administração estratégica (McDougall & Oviatt, 2000; Jack & Anderson, 2002). De acordo com Thompson (2002), empreendedores sociais podem ser achados em três setores: lucro buscando negócios que têm algum compromisso de ajuda a comunidade; empreendimentos sociais que são estabelecidas com uma grande proposta social; e os setores voluntários ou organizações não-governamentais (ONG's). O empreendedorismo social também é conceitualizado como uma expressão de comportamento de empreendimento para alcançar missão social e beneficiar a comunidade ou

sociedade (Mort, Weerawardena & Carnegie 2003). Bessant e Tidd (2009) afirmam que empreendedorismo social é um componente cada vez mais importante do “grande negócio”, uma vez que grandes organizações percebem que garantem sua licença para operar somente se puderem demonstrar alguma preocupação com as comunidades mais amplas em que estão localizadas.

A Teoria da Criação do Conhecimento Organizacional

Inovação e competitividade são conceitos interligados e atrelados ao desempenho das empresas. A inovação tem sua base no conhecimento e no aprendizado organizacional contínuo, para garantir a longevidade empresarial e exige que as empresas desenvolvam capacidades direcionadas à criação de conhecimento – envolvendo a criação, a difusão e sua incorporação a produtos, serviços e sistemas (Nonaka & Takeuchi, 1997).

Oliveira Júnior (2001) define como conceito de conhecimento:

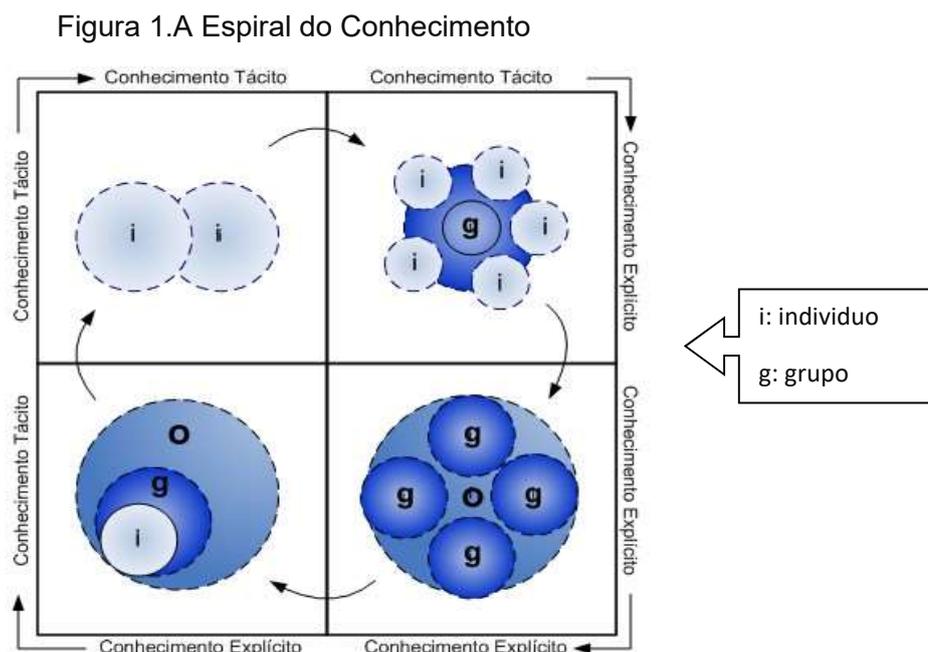
“[...] o conjunto de crenças mantidas por um indivíduo acerca das relações causais entre fenômenos” e o conhecimento organizacional como “[...] o conjunto compartilhado de crenças sobre relações causais mantidas por indivíduos dentro de um grupo”, atingindo várias dimensões desde o indivíduo, o grupo, a organização e até redes integrantes.

O conhecimento também pode ser visto como uma mistura fluída de experiência condensada, valores, informação contextual e *insight* experimentado, a qual proporciona uma estrutura para a avaliação e incorporação de novas experiências e informações. Ele tem origem e é aplicado na mente dos conhecedores. Nas organizações, ele costuma estar embutido não só em documentos ou repositórios, mas também em rotinas, processos, práticas e normas organizacionais. (Davenport, 2003).

Segundo Takeuchi e Nonaka (2008), para que a criação do conhecimento organizacional ocorra, são necessárias condições que capacitem a empresa e conversões entre conhecimento tácito e explícito. O processo de aprendizagem pode ser visto como parte das condições que favorecem a criação do conhecimento, desde que resulte continuamente em aprendizado inovador. Os autores afirmam que a criação do conhecimento organizacional passa por uma abordagem distinta da filosofia ocidental. Quando as organizações inovam, elas não processam simplesmente a informação, de fora para dentro, visando solucionar problemas existentes e adaptar-se ao ambiente em mudanças. Também explicam que a essência de sua teoria, reside na descrição de como emerge essa espiral e apresenta os quatro modos de conversão do conhecimento que são criados quando o conhecimento tácito e o explícito interagem um com o outro.

Espiral do conhecimento

A espiral do Conhecimento, segundo Takeuchi e Nonaka (2008) demonstra que o conhecimento tácito transforma-se em explícito e o explícito em tácito, mostrando a dinâmica do relacionamento entre o indivíduo, grupo e organização (Figura 1):



Fonte: Takeuchi e Nonaka (2008) / adaptado pelos autores

- Socialização: conhecimento ocorre de maneira tácita entre os indivíduos, devido à proximidade existente entre estes;
- Externalização: evolução do processo da socialização, onde ocorre a transferência do conhecimento entre os indivíduos, promovendo o conhecimento do grupo;
- Combinação: este conhecimento é expandido de forma a abranger a organização, onde passa a ser explícito e compartilhado pelos grupos da organização;
- Internalização: provoca no indivíduo a incorporação do seu conhecimento explícito ao seu conhecimento tácito.

3) RESULTADOS E ANÁLISES

O estudo a seguir sugere, por analogia, uma adaptação das origens do microcrédito à Espiral do Conhecimento. Posteriormente é proposto uma nova leitura da espiral baseada na inclusão da ferramenta geradora de conhecimento do microcrédito de Bangladesh.

O Microcrédito segundo a perspectiva da Espiral do Conhecimento

No Quadro (1), observa-se a relação da Espiral do Conhecimento com as origens do Microcrédito.

Quadro 01. Relação da Espiral do Conhecimento com as Origens do Microcrédito

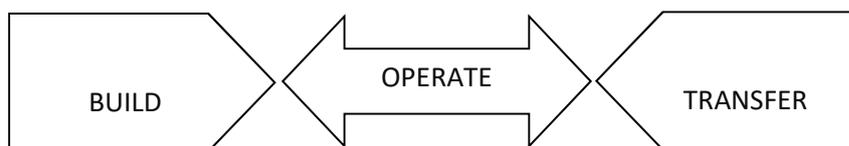
| Modos | Quatro modos de Conversão do conhecimento Espiral do Conhecimento | O microcrédito segundo a Perspectiva da Espiral do Conhecimento |
|----------------|---|---|
| Socialização | <p>Processo de compartilhamento de experiências e da criação de conhecimento tácito. O indivíduo pode adquirir conhecimento tácito diretamente dos outros sem usar a linguagem.</p> | <p>Aprofundando em suas pesquisas na busca de descobrir os reais motivos da escassez de renda em Bangladesh, M.Yunus, em conversa com uma moradora local, descobriu que a comunidade daquele povoado dependia da agiotagem para alavancar os recursos financeiros necessários às suas atividades de subsistência e estes recursos, eram condicionados à venda de toda a produção ao mesmo fomentador.</p> |
| Externalização | <p>Processo de articulação do conhecimento tácito em conceitos explícitos e da criação destes, desencadeados pelo diálogo ou reflexão coletiva. A utilização de uma metáfora ou de uma analogia é altamente eficaz no favorecimento do compromisso direto com o processo criativo.</p> | <p>Preocupado com a situação de dependência das famílias dos povoados de Bangladesh em relação aos agiotas, M.Yunus iniciou o rastreamento e registro das famílias reféns, identificando as atividades peculiares a cada uma para quantificar o capital necessário para cada situação. Foi definido o perfil do tomador ideal, no caso as mulheres, pois as mesmas traziam benefícios diretos à família, em especial, os filhos. O embasamento se dá no foco de, se for para reduzir ou eliminar a pobreza, devemos nos concentrar na próxima geração, diferente dos homens, que por tendência natural, tendem a gastar consigo mesmos.</p> |
| Combinação | <p>Processo de sistematização de conceitos em um sistema de conhecimento. Envolve a combinação de diferentes corpos de conhecimento explícito. Os indivíduos trocam e combinam o conhecimento através de meios como documentos, reuniões, conversas ou redes de comunicação integradas.</p> | <p>Decorrente dos excelentes resultados de adimplência e regularidade nos pagamentos da experiência anterior, o refinamento da prática dá foco aos padrões de concessão de crédito. O método sugere a formação de grupos composto por cinco amigos, sem estreito relacionamento e o tomador de crédito, quando o requerer, deverá apresentar uma idéia de como irá utilizar o recurso, não cabendo ao Banco Grameen discutir a viabilidade do negócio. O grupo funcionará como um comitê e por consenso, irá emitir o parecer da aprovação do crédito ou não, uma espécie de rede social que proporciona estímulo, apoio psicológico, auxílio na tomada do recurso, enfim, uma pressão social positiva.</p> |
| Internalização | <p>Processo de incorporação do conhecimento explícito em conhecimento tácito, após a combinação de modelos mentais agora compartilhados ou know-how técnico.</p> | <p>Implantação do programa do Banco Grameen denominado Construção – Operação – Transferência, ou do original em inglês, BOT <i>Program (Build – Operate – Transfer)</i>, cujo principal objetivo, é atender as necessidades imediatas de microcrédito, implantadas e adaptadas de forma rápida por meio de transferência de tecnologia e <i>know how</i> de operações de microcrédito, sob a responsabilidade do <i>Grameen Trust</i>, que treina e capacita a mão de obra responsável pela disseminação da prática.</p> |

Fonte: Takeuchi e Nonaka (2008) e Yunus (2008) / adaptado pelos autores.

Modelo B.O.T.

O modelo do microcrédito desenvolvido pelo Banco Grameen é exclusivo de Bangladesh e não possui filial ou representações pelo mundo. A expansão dos programas de microcrédito do Banco Grameen é divulgada pelo mundo como proposta válida de redução da pobreza e inclusão social e, no caso da necessidade de rápida implantação com o *know how* original, é disponibilizado o programa BOT, do inglês, *Build-Operate-Transfer* (construção-operação-transferência) e sua implementação ocorre pelos membros do Banco Grameen (Yunus, 2008), conforme Figura (2):

Figura 2: Processo B.O.T



Fonte: proposta e adaptação pelos autores

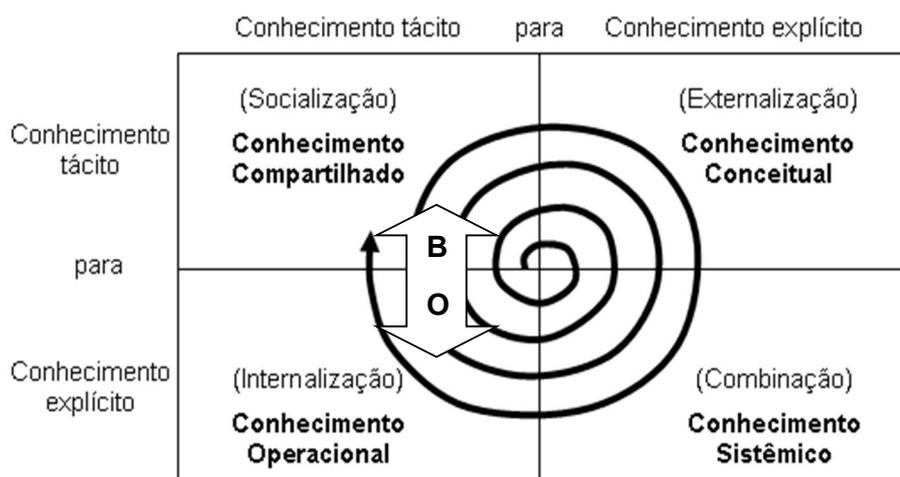
Características do Programa B.O.T. segundo Yunus (2008):

- Ações focadas para moldar novas formas de microcrédito;
- Ocorrência de significativa redução de riscos operacionais e financeiros;
- Treinamento e capacitação dos membros operadores de microcrédito;
- Significativa redução de tempo e custo;
- Garantia de implantação de programa auto-sustentável;
- Mobilização da estrutura do pessoal do Banco Grameen;
- Transferência de tecnologia e *know how* comprovado;
- Simplicidade operacional e não burocrática, “não reinventar a roda”.

Fonte: Grameen trust (www.grameentrust.org) / Yunus (2008)

A flexibilidade no entendimento de cada cenário pelo Programa B.O.T., permite a implantação de modelos adaptáveis do microcrédito, resultando em um novo giro do Conhecimento. Enxerga-se agora que o início há de ocorrer entre a fase de Internalização e a Socialização, ou seja, uma proposta calculada da desfragmentação do conhecimento seguido de uma nova fragmentação, resultando em um novo conhecimento de prática de microcrédito, conforme proposto na Figura (3):

Figura 3: O novo giro da Espiral do Conhecimento



Fonte: Takeuchi e Nonaka (2008) e Yunus (2008) / adaptado pelos autores;

A Família de empresas Grameen

A importância na flexibilidade do entendimento e da interpretação das oportunidades de cenários à perspectiva do B.O.T. pode ser validada pela diversidade de empreendimentos sociais criados e praticada pelo Grameen Trust, conforme demonstrado no Quadro (2) a seguir:

Quadro 2: A Família de empresas Grameen

| EMPRESA | PROPÓSITO |
|--|--|
| Banco Grameen | Serviços Financeiros para os pobres |
| Grameen Trust (BOT) | Treinamentos, Assistência médica e apoio financeiro às IMFs em todo o mundo |
| Fundação Krishi Grameen (agrícola) | Experimentação e treinamento para o aprimoramento da prática e da produção agrícola |
| Fundo Grameen | Capital de risco para o financiamento de novas empresas (iniciativas de empreendedorismo social) |
| Fundação Grameen Motsho O Pashusampad (peixes e gado) | Viveiro de peixes e programas de criação de gados |
| Telecomunicações Grameen | Serviços de telecomunicação para os pobres |
| Grameen Shamogree (Produtos Grameen) | Venda de tecidos da Grameen Check, feitos à mão, além de artigos e produtos artesanais. |
| Grameen Cybernet | Provedor de serviços de internet. |
| Grameen Shakti (Cia Energetica Grameen) | Fontes de energia renováveis para as áreas rurais de Bangladesh |
| Telefonia Grameen | Serviços de telefonia celular |
| Grameen Kalyan (Previdencia Grameen) | Serviços de saúde e de previdência para os membros e equipe do Banco Grameen |
| Grameen Shikkha (Educação Grameen) | Bolsas de estudo e outros tipos de assistência educacional aos estudantes das famílias pobres |
| Comunicações Grameen | Provedor de serviços de internet e serviços de processamento de dados |
| Malharia Grameen | Fabricação de artigos de malha para exportação |
| Gerenciamento de Capital Grameen | Administração de Investimentos |
| Soluções Grameen | Desenvolvimento de soluções de TI para empresas |
| Parque Tecnológico Grameen | Desenvolvimento de instalações de escritório de alta tecnologia em Daca |
| Grameen Byabosa Baikash (Promoção de negócios Grameen) | Provisão de garantias de empréstimo para pequenas empresas |
| Infovia Grameen | Conectividade de dados e provedor de acesso à internet |
| Educação Grameen Star | Treinamento em tecnologia da informação |
| Grameen Bitek | Fabricação de produtos eletrônicos |
| Fundo de assistência médica Grameen | Financiamento para os serviços de Assistência medica Grameen |
| Serviços de Assistencia médica Grameen | Serviços de assistência médica para pobres |
| Grameen Danone | Alimentos nutritivos a preços acessíveis para os pobres |

Fonte: Yunus (2008; p.91)

4) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A objetivo deste trabalho foi compreender o Microcrédito sob a perspectiva da Gestão do Conhecimento, da sua criação e desenvolvimento. O estudo foi desenvolvido com base na análise da literatura existente, onde constatou-se como o Microcrédito é concebido na forma tácita e como, posteriormente, explicitado para que possa ser aplicado por diversas instituições com vistas ao bem-estar da população mais carente.

A pesquisa realizada sugere que o conceito abordado na criação do conhecimento organizacional possui forte relação com o modelo criado para o microcrédito e seus respectivos resultados. O Programa B.O.T. do *Grameen Trust*, sob à perspectiva da criação do conhecimento, estimula a aceleração do giro da Espiral do Conhecimento promovendo uma maior rapidez na criação de novos modelos de microcrédito e com isto, um novo conhecimento para a erradicação da pobreza no mundo.

A Gestão do Conhecimento caracteriza-se como um forte instrumento para o desenvolvimento das organizações sob os aspectos da promoção da inovação e competitividade, conceitos interligados e atrelados ao desempenho das empresas. No caso do *Grameen Trust*, esta afirmação é percebida através dos modelos de negócios fomentados pela instituição e da sua própria sustentabilidade empresarial. Sugere-se que este tipo de aprendizado organizacional contínuo esteja resultando em uma longevidade empresarial, desde a criação, a difusão e sua incorporação a produtos, serviços e sistemas, corroborando as afirmações de Nonaka & Takeuchi (1997).

Na criação do conhecimento organizacional do modelo indiano, percebe-se a existência de condições que capacitam a empresa e as oportunidades de conversões entre conhecimento tácito e explícito. O processo de aprendizagem é visto como parte das condições que favorecem a criação do conhecimento, resultando em aprendizado inovador. Portanto, a essência da teoria reside na descrição de como a espiral do conhecimento e dos modos de conversão do conhecimento interagem com o modelo B.O.T., em consonância às afirmações de Takeuchi e Nonaka (2008).

Questões são propostas para futuros estudos que tenham como finalidade, buscar melhores práticas com vistas à erradicação da pobreza, uma vez que o Microcrédito, ao modelo da sua raiz, é aplicado com sucesso em ambientes em constantes transformações e diante de cenários econômicos totalmente desfavoráveis.

O Brasil, como via de regra, não poderia permanecer fora deste cenário, em virtude de grande parte de sua população também se encontrar no mais baixo nível de pobreza, sem acesso a créditos para desenvolver seus trabalhos, ou simplesmente tentando sobreviver em ambientes com poucos recursos.

“Somente com união e determinação, a fome poderá ir para onde ela merece, em um museu”

Muhammad Yunus

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARONE, F. M., LIMA, P. F; DANTAS, V., & REZENDE, V. **Introdução ao Microcrédito**. Brasília: Conselho da Comunidade Solidária, 65p.;2002.

BESSANT, J., & TIDD, J. **Empreendedorismo Social e Inovação. (cap 9)**; In: Inovação e empreendedorismo. São Paulo: Bookman; 2009.

DAVENPORT, T. H., & PRUSAK, L.; **Conhecimento empresarial: Como as organizações gerenciam o seu capital intelectual**. Editora Elsevier Campus 14 edição, Rio de Janeiro; 2003.

JACK, S., & ANDERSON, A.; **The effects of embeddedness on the entrepreneurial process**, Journal of Business Venturing, 17(5), 467-87; 2002.

KRAYCHETE, E. S.; **Entre o microcrédito e a “bancarização”: impasses para a constituição de um mercado de microfinanças adequado às necessidades dos microempreendedores**. IX Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Madrid, España, 2 – 5 Nov; 2004.

MCDUGALL, P., & OVIATT, B.; **International entrepreneurship: the intersection of Two research paths**, The Academy of Management Journal, 43(5), 902-6; 2000.

MORT, G. S., WEERAWARDENA, J., & CARNEGIE, K.; **Social entrepreneurship: towards conceptualization**, International Journal of Nonprofit and Voluntary Sector Marketing, 8(1), 76-88; 2003.

NÉRI, M., & BARBOZA, A. L.; **Experimentando o microcrédito**. Conjuntura Econômica, 38-40; 2006.

NÉRI, M.C.; **Microcrédito: O Mistério Nordestino e o Grameen Brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008 Disponível em: <<http://www.fgv.br/ibrecps/crediamigo>>. Acesso em 15/02/2010.

NONAKA, I. & TAKEUCHI, H.; **Criação de conhecimento na empresa: como as Empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. Rio de Janeiro, Campus; 1997.

OLIVEIRA JÚNIOR, M. de M.; **Competências essenciais e conhecimento na empresa**. In.: FLEURY, M.T.L. & OLIVEIRA JÚNIOR, M. de M. (Orgs.) **Gestão Estratégica do Conhecimento: integrando aprendizagem, conhecimento e competências**. São Paulo, Atlas, 2001.

PRAHALAD, C. K.; HART, S. L. **O pote de ouro na base da pirâmide**. HSM Management, n. 32, p. 14-27, 2002.

SILVA, R. V. M.; **Disseminação de programas públicos de microcrédito: o caso da Região Metropolitana de São Paulo**.- Roberto Vilela de Moura Silva.- 2007. 185 f. Dissertação (mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo; 2007.

TAKEUCHI, H., & NONAKA, I.; **Gestão do Conhecimento**. Porto Alegre: Bookman; 2008.

THOMPSON, J. L.; **The world of the social entrepreneur**, The International Journal of Public Sector Management, 15(5), 412-31; 2002.

TYSZLER, M.; **Mudança social: uma arte?** Empreendimentos sociais que utilizam a arte como forma de mudança. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, 41(6), 1017-34, Nov./Dez.; 2007.

YUNUS, M., & JOLIS, A.; **O banqueiro dos pobres.** São Paulo: Editora Ática; 2000.

YUNUS, M.; **Um mundo sem pobreza: A empresa social e o futuro do capitalismo.** São Paulo: Editora Ática; 2008.

YUNUS, M.; **Grameen Trust;** Disponível em < www.grameentrust.org>. Acesso em 15/02/2010.

ZOUAIN, D. M., & BARONE, F. M. **Excertos sobre política pública de acesso ao crédito como ferramenta de combate à pobreza e inclusão social: o microcrédito na era FHC.** Rev. Adm. Pública [online]; 41(2), 369-380; 2007.